

PEDRO TOURINHO

Eu, eu mesmo e minha selfie

Como cuidar da sua imagem no século XXI



PORTFOLIO
PENGUIN

Copyright © 2019 by Pedro Tourinho

A Portfolio-Penguin é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

PORTFOLIO and the pictorial representation of the javelin thrower are trademarks of Penguin Group (USA) Inc. and are used under license. PENGUIN is a trademark of Penguin Books Limited and is used under license.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Eduardo Foresti

FOTO DE CAPA Pedro Dimitrow

PROJETO GRÁFICO Tamires Cordeiro

PREPARAÇÃO Sílvia Massimini Felix

REVISÃO Thaís Totino Richter e Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tourinho, Pedro

Eu, eu mesmo e minha selfie : como cuidar da sua imagem no século XXI / Pedro Tourinho. — 1ª ed. — São Paulo : Portfolio-Penguin, 2019.

ISBN 978-85-8285-091-6

1. Autoimagem 2. Internet (Rede de computador)
3. Narcisismo 4. Redes sociais on-line 5. Selfies (Fotografia) 6. Selfies (Fotografia) – Aspectos psicológicos
7. Selfies (Fotografia) – Aspectos sociais I. Título.

19-27290

CDD-770

Índice para catálogo sistemático:

1. Selfies : Autoimagem : Fotografia 770

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.portfolio-penguin.com.br

atendimentoaoleitor@portfolio-penguin.com.br

*Esta obra é dedicada aos meus amigos, motivos
pelos quais comecei a desenvolver o trabalho que
deu origem a este livro.*

*[...] tornamo-nos esfinges, ainda que falsas, até chegarmos
ao ponto de já não sabermos quem somos.*

Bernardo Soares (Fernando Pessoa), *Livro do desassossego*

Murro no muro da mentira

Mata varando o olho do mentiroso

Mata selando porta e porto

Mata quem não sabe pensar

Antonio Risério, “Oriki de Xangô”, *Oriki orixá*

O importante é ser-se o que se é, e tornar-se contagioso.

Agostinho da Silva, *Dispersos*

SUMÁRIO

Apresentação — Astrid Fontenelle 11

Prefácio 13

PARTE 1 — A SELFIE E O NARCISO MODERNO

1. A gênese da selfie 19
2. O indivíduo sob os holofotes 21
3. A evolução do autorretrato 25
4. Narciso sendo Narciso 29

PARTE 2 — O ECOSSISTEMA DA SELFIE

5. Cada um é seu próprio *Jornal Nacional* 37
6. Fofoca e mídia 41
7. A construção da imagem perfeita 45
8. Compartilho, logo existo 47
9. A dinâmica das multidões 49
10. Relevância e engajamento 55
11. Influenciar não é profissão 61
12. Lições fundamentais para influenciadores 65

13. Transmídia: navegando pelas diferentes plataformas 69
14. A mão invisível dos algoritmos 73
15. O lado negativo da força 79

PARTE 3 — SUA IMAGEM E SUA VERDADE

16. Imagem pública em rede 91
17. Imagem e verdade 95
18. O avatar tagarela e a “metafísica das redes” 103
19. Se oriente, rapaz 107
20. Moldando sua narrativa 111
21. O mito pessoal 113

PARTE 4 — COMO CUIDAR DE SUA PRÓPRIA IMAGEM: NOTAS PRÁTICAS

22. A responsabilidade é do mensageiro 123
23. O peso das palavras 127
24. O politicamente correto 129
25. O lugar de fala 133
26. A consciência da própria verdade 137
27. Não trabalhamos com mentiras 139
28. Pense antes de postar 141
29. Gestão de crise: dez dicas para preservar sua imagem no olho do furacão 143

Epílogo 153

APRESENTAÇÃO

Astrid Fontenelle

Ser convidada para escrever uma apresentação não é tarefa fácil, mas o convite do próprio Pedro — que pra mim é Dão — me encheu de orgulho.

Nós nos conhecemos faz uns onze anos, que acho pouco, muito pouco, mas foi no momento certo. Meu marido nos apresentou naquela que foi justamente a hora da virada do Pedro (ele ainda não sabia). Formado em comunicação social pela Unifacs, em Salvador, estava prestes a embarcar para Los Angeles a fim de fazer um curso de roteiros na UCLA.

Garoto cheio de boas referências, excelente papo, rápido e um pouco (bem pouco, né, Dão?) sarcástico, logo se tornou o amigo do marido que roubei pra mim. Só faltava uma coisa: eu, que sou a mais ligada no universo pop, tinha de convencê-lo a entrar no Twitter. Essa rede social, muito mais leve e direta do que os amigos do Facebook, precisava da sua inteligência. E eu acertei!

Ele estava em Los Angeles quando Michael Jackson morreu, e botei pilha para que fizesse a cobertura das últimas notícias. Não havia por lá muitos brasileiros disponíveis para correr atrás da notícia. Por meio do Twitter do Pedro, pudemos acompanhar os detalhes em tempo real. De quebra, ele passou a ser conhecido por aqui.

Enfim, nosso agora @pedrotourinho teria seu próprio veículo de comunicação — já que, de acordo com o quinto capítulo deste livro, “Cada um é seu próprio *Jornal Nacional*”.

Mas ele é melhor: Pedro se tornou um observador estudioso e muito crítico da comunicação no século XXI, um craque na decodificação desse mundo. Tanto assim que eu, que nunca tive um agente na minha vida, passei a usar seus conselhos para navegar no universo das redes sociais.

Eu, eu mesmo e minha selfie (que sacada exemplar esse título!) é um bem servido manual de sobrevivência nessa selva de selfies.

A história, as sinapses, os algoritmos, o público, o privado, as maldades, a responsabilidade, as fake news, as dicas de como gerir as crises que virão (elas sempre vêm), tá tudo aqui.

Portanto, caro leitor, digo com sinceridade: pode comprar dois exemplares deste livro de estreia do Pedro Tourinho. Um pra você, evidente. Outro pra umx amigx; afinal, neste século da selfie, temos muito o que aprender sobre nós mesmos antes de nos deixar levar pelas aparências.

P.S.: Influencers, este livro faz parte da literatura básica da sua atividade!

PREFÁCIO

“foda como a gente se torna dependente do espelho. ainda mais quando o que o espelho mostra não é necessariamente a sua imagem, mas sim o que se deseja ser. ledo engano confundir imagem com reflexo. confundir o que se é com o estar. quem sou eu e quem é o espelho? qual é a imagem e qual é o reflexo? qual é o reflexo e qual é a imagem?”

às vezes o espelho também mostra a verdade. muitas vezes vivemos mais o reflexo do que o concreto... ou pior, o reflexo de um momento estático do tempo, de uma fatia de vida. esse reflexo se concretiza e se torna uma verdade sempre, como uma fotografia eterna e dominadora, quando na realidade sempre foi somente uma interpretação.

e até que ponto a interpretação, condicionada por uma imagem de reflexo cristalizada no tempo, é capaz de orientar todos os passos de nossa vida? qual o momento do *turnover*? de quebrar o espelho dominador? de estilhaçar o reflexo que nos aprisiona? é possível quebrar um espelho sem se ferir? quebrar um espelho sem dor?”

PedroT, 11 de outubro de 2007

Por que estou escrevendo este livro? Acho que todo mundo que se depara com uma folha em branco, com a missão de contar uma história ou de explicar qualquer coisa, se faz essa pergunta — ou pelo menos deveria. Em comunicação, cada ação deve ter consciência e propósito, e escrever um livro não é uma ação qualquer.

Resgatei aqui, no início deste prefácio, um post do blog que eu mantinha em meados da primeira década deste milênio, quando também pela primeira vez — ainda de forma bem confusa, como você pode ver — a questão de imagem e verdade se colocou para mim. Ainda não sabia, naquele momento, que essa seria a grande questão da minha carreira nos anos que se seguiriam.

Me dediquei à comunicação em toda a minha vida profissional, e nos últimos anos venho trabalhando para ajudar empresas e pessoas a se comunicarem melhor. Esse tem sido meu propósito. Quem se comunica melhor, num momento tão caótico quanto este em que vivemos, é mais reconhecido pelo que faz, pelo que é e pelo que quer ser. Quem se comunica melhor não cai em armadilha, não entra em confusão, não tropeça na timeline. Quem se comunica melhor é mais próspero e consegue passar com mais veracidade para o mundo ao redor a imagem do que se é — ou do que se quer ser. Quem se comunica melhor é mais feliz.

Mas o momento atual nos oferece também um paradoxo: ao mesmo tempo que as ferramentas de comunicação nunca foram tão acessíveis, também nunca foi tão difícil navegar nesse mar. São possibilidades, oportunidades e armadilhas a cada instante. Tentações e medos, reflexos e espelhos que fazem com que a gente sempre se questione o que é imagem e o que é verdade. Eis a chave da questão.

Voltando alguns passos, penso que na vida a gente pode se definir basicamente por duas dimensões: as raízes e o caminho — *roots and routes*. Isto é, de onde vim e qual caminho tracei ou traço. A jornada. É isso que vai garantir que uma pessoa não se meta a falar sobre o que não conhece, que não prometa mais do que pode entregar. Essa consciência adquirida traz a certeza de que não adianta vender uma imagem de mentira, porque sustentar uma mentira dá mais trabalho do que bancar dez verdades.

Este livro não se propõe a ser material didático, acadêmico ou de estudo de casos. Não trago aqui o rigor que uma empreitada desse porte exige. Os capítulos funcionam como crônicas e resumem muitas das minhas reflexões nestes anos em que cuidei com sucesso da imagem de pessoas públicas, amigos pessoais e empresas. São temas nos quais me aprofundei por interesse ou necessidade, que criam um esqueleto do que imagino ser uma perspectiva bem-sucedida do trabalho que é cuidar da imagem neste século tão confuso e fascinante para a comunicação.

PARTE 1

A selfie e o Narciso moderno

CAPÍTULO 1

A gênese da selfie

Por mais que possa parecer, não foi Kim Kardashian ou Paris Hilton quem inventou a selfie. Ninguém sabe ao certo quem o fez, assim como não se pode dizer com certeza absoluta quando surgiram o retrato e o autorretrato, dos quais a selfie deriva. Mas o fato é que a ação de se fazer retratar tem uma longa história e está associada a outro fenômeno ainda mais antigo, inerente ao ser humano: o narcisismo.

Mas a selfie não é apenas uma forma contemporânea de alimentar uma tendência que sempre existiu. Não deixa de ser isso, porém é muito mais. A imagem sempre esteve ligada à admiração por si mesmo e ambas sempre estiveram relacionadas ao poder. Só em tempos recentes, entretanto, tornou-se mais fácil para qualquer um com o celular nas mãos criar uma imagem com força e visibilidade, como também ficou mais claro para todos como isso passou a ser sinônimo de uma forma de poder.

No passado, os líderes políticos manipulavam suas imagens para manter, perpetuar e ampliar o poder que haviam conquistado por meio de revoluções ou eleições. Basta pensar no culto à personalidade de líderes de triste memória como Hitler, Stálin e até Saddam Hussein, e também na propaganda política de governos eleitos pela

via democrática. Na Índia contemporânea há selfies de políticos impressas em lonas e cartazes espalhados por toda parte. Hoje, de forma mais acentuada, uma imagem pode ser o principal instrumento para *chegar* ao poder. Donald Trump é um grande exemplo de personalidade pública sem história partidária ou contribuição ao serviço público que derrotou políticos tradicionais com seu apelo midiático, ou seja, de imagem.

Passamos da sociedade de massas para a sociedade do espetáculo, na qual aquilo que ganha atenção não tem necessariamente mérito, e as massas acabam por adotar um comportamento de audiência. O mundo virou um grande Coliseu — o anfiteatro romano usado para o entretenimento da população, local em que se destacavam imperadores, princesas, gladiadores e feras. Na sociedade de massas, mais centralizada e autoritária, a imagem era manipulada para impor ou persuadir; na do espetáculo, mais descentralizada e soft, o cuidado com a imagem seduz em diferentes níveis, passando pelas pequenas bolhas em redes sociais e chegando à opinião pública mais ampla, assuntos em que nos deteremos com mais atenção nos próximos capítulos. Na sociedade de massas, a imagem decorria do poder e estava a serviço dele; na sociedade do espetáculo, a imagem leva ao poder e faz com que o indivíduo se empodere.

A simples selfie nada tem de inocente: ela é o ponto de chegada de uma longa história na qual o impulso narcisista de se retratar revela um desejo de ganhar visibilidade, reconhecimento e prestígio, embora nem sempre o resultado seja satisfatório.